Congregação Geral n. 4

**A comunhão: as núpcias do Cordeiro**

Input teológico - 9 de outubro de 2023

**Prof. Anna Rowlands**

St Hilda Professor de Pensamento e Prática Social Católica

Departamento de Teologia e Religião e Centro de Estudos Católicos, Universidade de Durham, Reino Unido

Querido Santo Padre, irmãos e irmãs,

Temos a coragem de encontrar a realidade, tal como ela é de facto? Esta foi a pergunta desafiante e bela que o Padre Timothy nos fez. Colocou-nos perante o paradoxo do nosso chamamento a sermos semelhantes a Cristo: ouvir, ver e sentir a condição do nosso mundo e, no entanto, sermos gentilmente honestos connosco próprios, pois não nos é fácil suportar a realidade. A secção B1 do Instrumentum Laboris leva-nos ao coração deste paradoxo cristão básico: esperança e dificuldade, a beleza e a liberdade do chamamento de Deus e os desafios de crescer em santidade. O Instrumentum Laboris utiliza a linguagem da Lumen Ge ntium § 1 - convidando-nos a refletir sobre a missão da Igreja de ser, em Cristo, o sinal e o instrumento da unidade com Deus e com toda a humanidade. A vida de comunhão é-nos dada como a forma graciosa de vivermos juntos em Cristo, aprendendo a "suportar" a realidade, com suavidade, generosidade, amor e coragem, para a paz e a salvação do mundo inteiro.

A primeira coisa a dizer sobre a comunhão é, portanto, que ela é a realidade da própria vida de Deus, o ser de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Neste sentido, ela é a coisa mais real que existe: o fundamento da realidade e a fonte do ser da Igreja.

A nossa primeira ação em relação a esta realidade é um acolhimento alegre, não ansioso, não competitivo. Participar na vida de comunhão é a honra e a dignidade da nossa vida. A comunhão é a forma como compreendemos o objetivo último de Deus para toda a humanidade: atrair a criação que Ele amou para a existência de forma cada vez mais completa para a Sua própria vida, no abraço, e, ao fazê-lo, enviar-nos para renovar a face da terra. O apelo a ser a Igreja que serve este reino é descrito na Lumen Gentium § 9: "que ela seja para todos o sacramento visível desta unidade salvífica". A Igreja mostra e dá a comunhão com Deus, que é comunhão para toda a criação. A comunhão é então o nosso ser e o nosso fazer.

Um amigo conta-me que Raymond Brown, o biblista americano, gostava de ensinar aos seus alunos que a linguagem da koinonia aparece pela primeira vez no Novo Testamento em ligação com a prática da troca de dinheiro, exprimindo a ideia do bolsa comum da Igreja. O dinheiro - a moeda da Igreja não é o numerário - mas o nossa bolsa comum é a riqueza dos dons, carismas e graças que Deus derrama na Igreja e que "distribui [...] com a sua própria autoridade" (Bas., fid. 3), e que nós somos chamados a discernir. Como cristãos baptizados, todos nós temos a nossa mão nesta bolsa.

Pensamos na comunhão como a primeira e a última palavra de um processo sinodal: a origem e o horizonte do nosso caminho. Com Cristo e o seu Espírito no centro, a comunhão é a própria força desta sala.

A piada que muitas vezes se faz é que Deus se fez carne e os teólogos voltaram a transformar Deus em palavras... e o meu tempo é curto, por isso vou escolher apenas três dimensões diferentes do pensamento sobre a comunhão para as referir muito brevemente.

**Em primeiro lugar, a comunhão é a beleza da diversidade na unidade**. Num mundo moderno que tende tanto para a homogeneidade como para a fratura, a comunhão é uma linguagem de beleza, uma harmonia de unidade e pluralidade. Esta beleza reside na celebração da riqueza e da diversidade de uma criação que dá glória a Deus, uma pluralidade que só termina quando cada coisa criada tiver esgotado a sua criação, e tudo for recapitulado em Deus por Cristo no Espírito.

São Boaventura, o grande teólogo franciscano, escreveu maravilhosamente sobre como a pluralidade da criação permite que todas as diferentes cores da luz divina brilhem. A luz divina é sentida numa comunhão que irradia através de uma gloriosa diversidade - de pessoas, criaturas, culturas, línguas, liturgias, dons e carismas. Henri de Lubac sublinhou que a Igreja nunca está em competição com a cultura. Nas culturas em que habita, ela confessa e recebe Cristo. Uma comunhão que irradia é uma diversidade não competitiva, genuína, com um único ponto de unidade no Deus Trinitário.

Perante um mundanismo que tantas vezes venera a força competitiva e assertiva e a lógica da posse em vez da relação, Deus atrai-nos para uma comunhão de humildade e serviço. Jean-Marie Tillard escreveu que, ao contrário de qualquer outra entidade no mundo, é ao abraçar a fraqueza, o sofrimento e a pobreza que a Igreja "consegue" tornar-se o sinal da graça de Deus. A nossa beleza não é a beleza do mundo. A Secção B1 convida-nos a crescer em comunhão, reflectindo com humildade com aqueles que são vulneráveis, sofrem ou são fracos e sobre as vulnerabilidades e fraquezas da Igreja. Na Secção B1, perguntamos com coragem como podemos estar mais próximos dos mais pobres, mais capazes de acompanhar todos os baptizados numa variedade de situações humanas, mais livres de falsos poderes, mais próximos dos nossos irmãos cristãos e mais empenhados nas nossas culturas particulares.

A Igreja nasceu inseparável do drama humano: num abrigo provisório, na Cruz, no Pentecostes. A nossa catolicidade continua a ser vivida no meio do nosso drama humano. Falamos de comunhão, não a partir de uma perfeição tranquila que está fora do nosso alcance, mas a partir da nossa necessária localização na luta de cada cultura e contexto pela verdade, beleza e bondade. A secção B1 convida-nos a refletir positivamente sobre o significado que encontramos nesses lugares de encontro e de luta, a ouvir ecos e diferenças.

**Em segundo lugar, a comunhão existe em realidades concretas e tangíveis**. É a vida que oferece pão para os famintos, cura para os que sofrem, descanso para os perturbados. Talvez a imagem mais próxima e vívida da comunhão seja, como um banquete, a ceia nupcial do Cordeiro. Deus apela aos nossos sentidos: provar e ver, tomar e comer.

É na Eucaristia que se encontram as diferentes dimensões da comunhão: é o lugar onde se manifesta a comunhão dos fiéis, onde recebemos os dons de Deus para o Povo de Deus. A ordem sacramental ensina-nos, alimentando-nos, a comunhão.

A representação bíblica do banquete é também uma imagem que perturba a ordem natural das coisas. Na festa que está marcada, os impotentes, desprezados e sofredores serão os primeiros. Isto é assim, devido à proximidade de Deus com aqueles que sofrem e à proximidade de muitos que sofrem com o conhecimento e o mistério de Deus. Um sobrevivente de abusos do clero escreveu-me quando soube que eu estaria presente no Sínodo e disse-me: "Seja corajosa quanto à necessidade de cura. Este é um caminho pascal que temos de percorrer juntos. E diga-lhes que a Eucaristia salva vidas". Nem todos os sobreviventes de abusos se sentem assim, mas partilho isto porque tem o carácter de uma profecia de comunhão; apela ao arrependimento e proclama a verdade central da nossa fé.

As amizades escandalosas de Jesus, que uniam uma comunidade de discípulos, eram muitas vezes amizades de mesa. E as amizades à mesa são importantes. Quando trabalhei com uma instituição de caridade católica para refugiados em Londres, perguntei aos refugiados que vinham pedir ajuda porque é que escolhiam este serviço em particular. Nunca esquecerei a resposta: porque aqui sou recebido à porta pelo meu nome, e os funcionários sentam-se e comem connosco à mesma mesa. Isto dignifica-me, devolve-me a minha humanidade. Nos outros centros, os funcionários não comem connosco. A ficha de trabalho B1.1 centra o nosso debate precisamente nestas questões de uma comunhão digna, onde a Igreja encontra Cristo que já se senta à mesa com os mais pobres.

**Em terceiro lugar, a comunhão é uma participação que nos liga aos outros através do tempo e do espaço.** A linguagem koininia das Escrituras é instrutiva; implica: 'partilhar, ter parte em, ter algo em comum com, agir em conjunto'; uma participação numa realidade partilhada da qual ninguém está, em princípio, excluído. É uma realidade que se torna mais própria à medida que é derramada, estendida a todos os cantos do mundo e partilhada de forma mais íntima e completa entre as Igrejas. Aceitar a verdade significa que há sempre mais verdade para conhecer.

Estamos sempre a agir à luz do que foi, a agir agora e a agir em direção ao que nos chama - em direção à unidade e ao serviço do Reino. Cada uma destas acções - iniciadas mas incompletas - ligam-nos às realidades do passado - as alegres que precisam de ser sustentadas, as prejudiciais que precisam de ser arrependidas e curadas - o louvor de Deus e o apelo do nosso próximo no presente, e o futuro em que desejamos ser recebidos. Uma parte crucial da razão pela qual a linguagem da comunhão é uma linguagem Pascal e, portanto, esperançosa, é o facto de ligar o passado, o presente e o futuro com um fio de ouro. Numa época que muitas vezes pretende cortar essas ligações, a nossa fé mantém-se fiel a elas. Faz parte da sua inteligência orientadora para nós.

Esta realidade de uma comunhão que irradia, misteriosa e ao mesmo tempo concreta, já diante de nós e ainda à nossa frente, oferecida como pão para o mundo e como palavras que salvam vidas, que precisa de ser expressa em todos os contextos - locais, regionais, globais - que a Igreja habita, este é o horizonte paradoxal da esperança, a realidade em que, se tivermos coragem, o Senhor nos convida a colocarmo-nos.